



Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)

ISSN: 1984-6487

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)

Aguião, Silvia

Raza, sexualidad y salud. Nuevas perspectivas y renovados enfoques

Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), núm. 36, 2020, Setembro-Dezembro, pp. 3-6

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)

DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.36.01.e>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293368083001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRJ
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Editorial #36

Raça, sexualidade e saúde. Novas perspectivas e renovadas aproximações

Silvia Aguião^{1 2}

> saguiao@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8987-2910

¹AFRO – Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça,
Gênero e Justiça Racial (AFRO/CEBRAP)
São Paulo, Brasil

²CLAM- Centro Latino-Americano em Sexualidade e
Direitos Humanos (CLAM/UERJ)
Rio de Janeiro, Brasil

Raça, sexualidade e saúde. Novas perspectivas e renovadas aproximações

O número 36 de Sexualidade, Saúde e Sociedade – Revista Latino-Americana reúne um conjunto de artigos que se debruça sobre antigas questões entrelaçando temáticas relacionadas a gênero, sexualidade, raça, classe e saúde, no entanto, através de abordagens teórico-políticas renovadas. Podemos dizer que as diferentes perspectivas que perpassam os artigos que compõem esta edição ainda são, em geral, pouco frequentes e trazem elementos indispensáveis para a reflexão sobre aspectos estruturantes de desigualdades persistentes no âmbito do acesso à saúde e à justiça.

O artigo *As cores do antirracismo (na América Ladina)* de Mara Viveros Vigoya abre o número e nos apresenta uma refinada reflexão a respeito das formas que as lutas antirracistas têm assumido na América Latina nas últimas décadas. A partir de uma abordagem que enfatiza a dimensão do “conhecimento situado”, a autora explora a sua larga experiência de atuação e pesquisa no tema para falar das mudanças que vem sendo notadas na região no sentido de uma maior atenção a questões que envolvem tanto racismos quanto práticas de desafiam a “distribuição racializada de poder”. Assim, desde sua posicionalidade particular enquanto “mulher colombiana e feminista afro-latino-americana” e incorporando a proposta de Lélia Gonzalez de uma “América Ladina” enquanto região que concentra traços históricos bastantes particulares de produção de alteridades e desigualdades, Viveros Vigoya expõe algumas das inflexões do “giro antirracista” observadas atualmente no âmbito público. O artigo foi originalmente produzido como um diálogo com Éric Fassin e apresentado em forma de Conferência na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. A publicação do texto de Fassin está programada para o número 37 de Sexualidade, Saúde e Sociedade, a ser lançado no primeiro quadrimestre de 2021.

Em seguida, *Género y juventudes Argentinas: ¿de qué estamos hablando cuando hablamos de “el problema del embarazo adolescente”?*, artigo de Adriana Durán e María Muro, propõe a problematização da abordagem congelada e naturalizada da gravidez nessa determinada fase da vida como um “problema”. Através do levantamento e revisão de literatura acadêmica, material jornalístico e legislativo, com foco no contexto argentino, as autoras chamam a atenção para o caráter sócio-histórico de produção das categorias e conceitos envolvidos na questão. O texto aponta para a importância de considerar a variedade de maneiras possíveis de experienciar a(s) “juventude(s)” e para os múltiplos processos e clivagens sociais envolvidos nesse processo. Assim, com atenção para as dimensões sociais, políticas e morais que transpassam e forjam aspectos relacionados à sexualidade e à reprodução, especialmente no ambiente escolar, a argumentação indica a necessidade

de revisitar enfoques e interpretações descontextualizadas e eivadas de preconceitos, que muitas vezes são apenas reproduzidas de maneira irrefletida. Entre outros aspectos, ganha ênfase a ausência da visão da própria “juventude” em um debate crítico a respeito do “problema da gravidez na adolescência” e os contornos estigmatizantes que muitas vezes surgem em tais colocações.

O artigo seguinte, *El VIH y la opresión de los hombres seropositivos con identidades no heteronormativas en Chiapas, México*, de Francisco Chong Villarreal, dedica-se a investigar mudanças e continuidades em expressões de gênero e práticas sexuais após o diagnóstico soropositivo. O estudo foi realizado junto a homens “com identidades não heteronormativas” e busca compreender como os participantes da pesquisa manejam recursos e modelam estratégias para lidar com os constrangimentos estruturais que recaem sobre aqueles que não correspondem a expectativas normativas de gênero e sexualidade. A argumentação é cuidadosa ao situar as trajetórias e experiências no contexto particular em que a pesquisa foi realizada e apontar para a maior dificuldade de acesso a recursos, como o tratamento antirretroviral ou redes de cuidado e suporte emocional e material entre pessoas que constituem “grupos socialmente desfavorecidos”, tais como as envolvidas no estudo.

Fechando a seção de artigos regulares, temos *Formas de (des)engajamento. Aborto entre homens adultos no Rio de Janeiro, Brasil*, de autoria de Cristiane Cabral, Elaine Brandão, Rogério Azize e Maria Luiza Heilborn. O artigo aborda os aspectos sociológicos que interatuam em processos decisórios de aborto desde a perspectiva de homens. O trabalho é parte de uma pesquisa bastante ampla sobre contracepção e aborto, realizada através da análise de trajetórias afetivo-sexuais, reprodutivas e contraceptivas de diferentes sujeitos. Ao longo da argumentação destaca-se a ênfase na dimensão relacional de gênero e da inserção de classe nas escolhas e percepções masculinas em relação ao aborto, bem como as particularidades e contrastes que ganham relevo quando consideradas as experiências de homens de diferentes gerações. Nesse sentido, o artigo levanta aspectos ainda pouco explorados e de enorme relevância para a reflexão sobre o papel masculino nos cenários que envolvem discussões sobre abortamento.

Além dos artigos regulares, o número 36 de Sexualidade, Saúde e Sociedade traz ainda o dossiê *Mães e Processos de Estado*, organizado por Juliana Farias, Natalia Bouças do Lago e Roberto Efrem Filho. Composto por oito artigos, reúne investigações realizadas no Brasil, em variados contextos etnográficos, em torno do engajamento de mães e familiares na luta por justiça e reconhecimento de vítimas de diferentes formas estatizadas de violência. Da leitura do conjunto dos textos, destaca-se a ênfase que adquire a dimensão coletiva e relacional tanto da luta que se organiza a partir e ao redor do luto e do sofrimento das mães, quanto das produções político-acadêmicas tramadas nas pesquisas sobre o tema. A outra dimen-

são que se destaca dos trabalhos é justamente a perspectiva teórico-metodológica assumida de voltar-se para o campo de discussões que entrelaça gênero, violência e processos de formação de Estado. Tais enquadramentos provocam e incitam novos arranjos interpretativos e demonstram-se fundamentais para a compreensão de contextos de violência, encarceramento e criminalização, profundamente marcados por relações desiguais de sexualidade, gênero, raça, classe, geração e território, como destacado pelas organizadoras na apresentação do dossiê.

Por fim, temos ainda duas resenhas. Diretamente relacionada ao tema do dossiê, a resenha de Evandro Cruz Silva nos apresenta de maneira instigante o livro “Governo de mortes. Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro”, de Juliana Farias (2020). Beatriz Klimeck Gouvêa Gama, nos convida para o debate junto a um campo em plena emergência abordado no livro “Fat”, de Deborah Lupton (2018).

Com este número completamos o 12º ano de existência da Revista, em um ano de desafios cada vez maiores para a manutenção da regularidade e da qualidade de publicações acadêmicas, marcado não apenas pelo contexto de desfinanciamento e desvalorização da ciência, mas agudamente agravado pelos obstáculos e perdas pessoais e coletivas ocasionados pela emergência sanitária da pandemia do coronavírus. Mais do que nunca, é imprescindível agradecer enormemente a autoras e autores, pareceristas, editoras e editores associados, amigas, amigos e todas as pessoas que colaboram e contribuem direta e indiretamente para a continuidade ininterrupta de edições de *Sexualidade, Saúde e Sociedade - Revista Latino-Americana*.

Boas leituras!